

A incompletude do saber e da verdade na experiência analítica¹

Ida Freitas

Resumo

O presente artigo pretende seguir os caminhos do saber e da verdade ao longo da experiência analítica, partindo da questão inicial, que situa a paixão da ignorância em sua função de causa do desejo de saber, o qual pode, por um lado, promover deslocamentos na posição do sujeito diante do saber que se extrai da elaboração advinda do trabalho significante engajado na transferência como suposição de saber e, por outro, localizar o amor à verdade e seus desdobramentos até o consentimento com a meia-verdade no final da análise. Nesse percurso, são abordadas diferentes vertentes tomadas por Lacan sobre o saber e a verdade e que se demonstram em tempos distintos da experiência analítica desde sua partida até seu final.

Palavras-chave:

Paixão da ignorância; Transferência; Sujeito suposto saber; Ato analítico; Saber; Verdade.

The incompleteness of knowledge and truth in the analytical experience

Abstract

This article intends to follow the paths of knowledge and truth throughout the analytical experience, starting from the initial question that situates the passion of ignorance in its function as the cause of the desire for knowledge that can promote shifts in the subject's position in the face of the knowledge that is extracted from the elaboration arising from the significant work engaged in transference as an assumption of knowledge and on the other hand locating the love of truth and its consequences until the consent to the half-truth at the end of the analysis. This journey addresses different aspects taken by Lacan about knowledge and truth

¹ Este texto é produto dos trabalhos apresentados no XXII e no XXIII Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL), sob os respectivos títulos: "Da paixão da ignorância à doura ignorância: um percurso pelo saber" e "Do amor à verdade ao desejo de saber".

and which are demonstrated at different times of the analytical experience from its beginning to its end.

Keywords:

Passion of ignorance; Transfer; Subject supposed to know;
Analytical act; Knowledge; True.

La incompletitud del saber y de la verdad en la experiencia analítica

Resumen

Este artículo se propone recorrer los caminos del saber y de la verdad a lo largo de la experiencia analítica, a partir de la pregunta inicial que sitúa la pasión de la ignorancia en su función de causa del deseo de saber que puede, por un lado, promover cambios en la posición del sujeto frente al saber que se extrae de la elaboración derivada del trabajo significativo realizado en la transferencia como supuesto saber y, por otro lado, ubicar el amor a la verdad y sus consecuencias hasta el consentimiento a la media verdad al final del análisis. Este camino aborda diferentes aspectos tomados por Lacan sobre el saber y la verdad que se demuestran en distintos momentos de la experiencia analítica desde su inicio hasta su final.

Palabras clave:

Pasión de la ignorancia; Transferencia; Sujeto supuesto saber;
Acto analítico; Saber; Verdad.

L'incomplétude de le savoir et de la vérité dans l'expérience analytique

Résumé

Cet article entend parcourir les chemins de le savoir et de la vérité tout au long de l'expérience analytique, à partir de la question initiale qui situe la passion de l'ignorance dans sa fonction de cause du désir de savoir qui peut favoriser des changements de position du sujet face à le savoir qui est extraite de l'élaboration issue du travail signifiant engagé dans le transfert comme supposition du savoir et d'autre part situer l'amour de la vérité et ses conséquences jusqu'au consentement à la demi-vérité à la fin de l'analyse. Ce parcours aborde différents aspects consi-

déré par Lacan sur le savoir et la vérité et qui se manifestent à différents moments de l'expérience analytique depuis son début jusqu'à sa fin.

Mots-clés :

Passion de l'ignorance ; Transfert ; Sujet supposé savoir ;
Acte analytique ; Savoir; Vérité.

É possível situar a trajetória de uma análise no que concerne ao saber e à verdade, por um lado, desde a paixão da ignorância, como o “não querer saber”, ao desejo de saber próprio daquele que topa com o desejo de analista no final de uma análise e, por outro, partindo do amor à verdade até o consentimento com o impossível de dizê-la toda em sua dimensão real?

Podemos localizar a referência à ignorância como uma das paixões do ser em Lacan, desde “Variantes do tratamento-padrão”, justamente na seção em que Lacan (1955/1998, p. 351) trata “do que o psicanalista deve saber, que é ignorar aquilo que sabe”, muito embora, na “Proposição de 9 de outubro de 1967” (Lacan, 2003, p. 254), ele advirta que ignorar aquilo que o psicanalista sabe não o autoriza a “se dar por satisfeito com saber que nada sabe, pois do que se trata é o que ele tem de saber”. E o que o analista tem de saber? Seria o que ele precisa saber como teoria ou o saber que ele constrói do que se decanta de sua análise, em que considera e situa o real em seu horizonte? Uma especialização, seja ela mestrado ou doutorado, não confere ao praticante da psicanálise o saber suficiente para que ele possa operar em sua função de semblante de objeto *a*, causando o desejo do sujeito dividido a partir do desejo do analista. Sabemos que a formação do psicanalista implica o saber necessário que se extrai da experiência analítica e se alinha à teoria, aproximando o saber inconsciente aos conceitos, isto é, à formalização da clínica.

Ainda em “Variantes do tratamento-padrão”, encontramos: “O analista só pode enveredar pela via de sua formação ao reconhecer em seu saber o sintoma de sua ignorância, no sentido propriamente analítico, de que o recalcado é a censura da verdade” (Lacan, 1955/1998, p. 360). A ignorância é, assim, entendida não como ausência de saber, mas, “tal como o amor e o ódio, como uma paixão do ser” (Lacan, 1955/1998, p. 360). Em *O saber do psicanalista* (Lacan, 1971-1972/1997, p. 11), Lacan volta a afirmar que a paixão da ignorância não é uma menos-valia, nem mesmo um déficit; “a ignorância está ligada ao saber”.

De acordo com a concepção freudiana do recalque originário, a hipótese da psicanálise, que é a hipótese do inconsciente, implica uma dimensão irreduzível, que faz limite ao saber, que se pode extrair de um tratamento analítico, baliza que corresponde ao limite da linguagem, ou seja, ao real, aquilo que se demonstra intransmissível pela linguagem.

No trilhamento significativo de uma análise, a paixão da ignorância, essa aderência ao não querer saber, sofre os efeitos do significante e, assim, favorece transformações que podem ser verificadas a partir das distintas posições que o analisante ocupa, em seu processo, diante do saber. No início da partida analítica, a paixão da ignorância, ao revelar um sujeito alienado e submetido ao saber do Outro — é o Outro que sabe, não é permitido que eu saiba —, faz obstáculo para que o sujeito aceda à sua própria produção de saber, um saber original distinto do saber do Outro. Distinguir-se do Outro do discurso pode levar o sujeito a afirmar, a partir de suas elocubrações e elaborações em análise, seu saber singular, que, em sua radicalidade, podemos atribuir ao saber sobre *alíngua*, os “Uns dispersos e incertos”, na medida em que “o *falasser* é um produto do inconsciente real como o saber falado de *alíngua*” (Soler, 2009, p. 22).

O trabalho de transferência, que, em uma de suas concepções, é o amor que se dirige ao saber, instaura o sujeito suposto saber capaz de propiciar um giro na posição do sujeito diante do saber localizado no Outro, movimento na direção do saber inconsciente. Esse movimento favorece o exercício do deciframento, assim como leva o sujeito a se orientar através do Outro, mas, agora, como seu inconsciente, seu saber próprio.

E quais são as outras consequências do trabalho de transferência como suposição de saber? Uma delas seria a eliminação desse sujeito suposto saber? Parece que é nisso que Lacan (1967-1968) nos introduz no *Seminário XV: o ato psicanalítico*, quando afirma que o Sujeito suposto saber não existe nem para o analisante, nem para o analista, e essa é justamente sua novidade. “Há apenas o que resiste à operação do saber fazendo do sujeito, esse resíduo que se pode chamar ‘a verdade’” (Lacan, 1967-1968, p. 87).

Ao se perguntar o que é a verdade, tal qual Pôncio Pilatos, Lacan introduz o que diz respeito ao ato propriamente psicanalítico, apontando para o manejo com as dimensões da verdade e do saber pela via da fala analisante e do fazer analítico.

O ato psicanalítico se constitui pela sustentação da simulação da posição do sujeito suposto saber, um lugar vazio, porque nela está o único acesso a “uma verdade da qual o sujeito será rejeitado, para ser reduzido à função de causa de um processo em impasse” (Lacan, 1967-1968, p. 91). “O final da análise consiste justamente na queda do sujeito suposto saber e sua redução ao advento desse objeto *a*, como causa da divisão do sujeito, que vem ao seu lugar” (Lacan, 1967-1968, p. 89). O sujeito, nesse ponto de virada, de destituição, no momento do ato analítico, torna-se a “verdade desse saber”, uma verdade incurável.

Como em uma fábula, Lacan (1956/1998, p. 410) dá voz à verdade e afirma que a verdade fala por si mesma: “Eu, a verdade, eu falo”; e diz ainda que essa vai encontrar uma forma para se dizer, ainda que seja como “eu, a verdade, eu minto”,

mentira sobre o gozo, visto que só é possível meio-dizer a verdade, enquanto a parte não dita da verdade causa sua miragem.

Em “A psicanálise verdadeira e a falsa”, Lacan (1958/2003) distingue a verdadeira psicanálise da falsa, situando a ideia de uma psicanálise autêntica e de uma psicanálise conforme a verdade evidenciada por sua experiência. Indica, assim, aquilo que jamais devemos negligenciar, ou seja, que a psicanálise verdadeira tem seu fundamento na relação do ser humano com a fala. Somos seres falantes, e é a partir desse eixo que se devem julgar e avaliar seus efeitos, porém não só os terapêuticos, mas aqueles que se apresentam “como revelação de uma ordem efetiva em fatos até então inexplicáveis, na verdade, aparecimento de fatos novos” (Lacan, 1958/2003, p. 173).

O que seria da prática psicanalítica, do sujeito em análise, se não tivesse o alcance e a chance de produzir fatos novos? Ainda que seja um novo saber sobre a verdade recalçada ou encontrando maneiras distintas para nomear o que se repete nas voltas do dito, ou, ainda, novas formas de lidar, virar-se com o sintoma? O que, por experiência, bem sabemos que chegar aí não é pouca coisa.

A partir de sua leitura de Santo Agostinho, Lacan (1953-1954/1983, p. 298) localiza a dimensão da verdade como consequência de se colocar a palavra como causa: “Toda a palavra formulada introduz no mundo o novo da emergência do sentido. Não é que ela se afirme como verdade, mas antes que introduz no real a dimensão da verdade.”

À ideia agostiniana de que a palavra pode ser enganadora Lacan acrescenta que a palavra, se a escutamos, afirma-se como verdadeira. Tal afirmação ressalta a importância de ouvir, escutar as palavras, em especial a partir da equivocação que comparece nos lapsos, nos sonhos, atos falhos, palavras que tropeçam e, por isso mesmo, podem confessar e revelar a verdade oculta, esquecida, não sabida.

Ainda no diálogo com Santo Agostinho, Lacan (1953-1954/1983, p. 300) traz a dimensão do erro como o que “só é definível em termos de verdade”, e sua demonstração implicará a contradição, uma vez que é pelo discurso que a contradição estabelece a separação entre verdade e erro.

Quantas vezes a simples troca de uma letra — por exemplo, u por a — é capaz de trazer à luz, para o sujeito, a verdade inconsciente, seu julgamento íntimo em relação a suas escolhas no amor, no sexo, na maternidade etc., abrindo as portas para a elaboração de um novo saber e de uma verdade desconhecida!

Não é incomum psicanalistas que atendem crianças receberem pais preocupados com a índole de um filho mentiroso, que esconde suas notas, que acusa o colega por seus atos, ou, ainda, que inventa aventuras impossíveis como verdades. A preocupação dos pais se fundamenta na moral social, no temor de que seu rebento se torne “mau caráter”. Como diz o verso da letra da música “Tempo rei”, de Gil (1984), “mães zelosas, pais corujas, vejam como as águas de repente ficam sujas”.

Sem retirar a legítima preocupação dos pais e a importância com a educação de seus filhos, a psicanálise vai em outra direção e se orienta não pelo moralismo da verdade, mas pela ética do bem-dizer, que acolhe a mentira, o ato, a ficção, na transferência, como formas de, por meio das elucubrações e da elaboração de saber, fazer falar a verdade sobre o desejo, o gozo, o sintoma.

Também encontramos no cotidiano de nossa clínica, na fala dos analisantes, o compromisso com a verdade, a intenção de dizê-la toda — “tenho que falar a verdade, não vim aqui para te enganar, nem para me enganar, seria perda de tempo e de dinheiro”. Com esse dito, porém, um saber se apresenta com relação à verdade, a impossibilidade de dizê-la toda, o que leva o analisante a se flagrar em suas tapeações e interrogar verdades que jamais havia contestado e que acabam por cair por terra.

Com relação à verdade e seus destinos em uma análise, o psicanalista, em sua prática, está em desacordo com a moral social, com os bons costumes, com o filósofo, como Platão (Livro VI, 2017, p. 485b citado por Ganho, 2020), por exemplo, que, pela fala de Sócrates, afirma que os filósofos, “visto que cultivam grande preocupação com a verdade, têm, portanto, aversão à mentira”.

Lacan situa o lugar da mentira em sua dimensão de verdade, verdade e mentira como dimensões do enunciado e da enunciação, como podemos verificar pelo clássico exemplo freudiano da história de enganação judia do trem, em que um dos personagens diz a verdade para que o outro pense que está mentindo, por meio da qual localiza os eixos do enunciado (eu minto) e da enunciação (eu engano). “É primeiro como se instituindo numa, e mesmo por, certa mentira, que vemos instaurar-se a dimensão da verdade, pois a mentira, como tal, se põe, ela própria, nessa dimensão da verdade” (Lacan, 1964/1988, p. 132).

É, portanto, por meio da trilha analítica em que o sujeito se aventura que se evidenciam os erros, equívocos, contradições, mentiras, tapeação, quando então o analista está em posição de formular sua interpretação: “Você diz a verdade”, mas resta sempre uma verdade não dita que causa sua miragem. Como, então, conduzir uma análise para que a quimera, o lago azul da verdade, possa dissipar-se?

Aproximando poesia e verdade, Lacan (1958/1998, p. 752) demonstra que “toda verdade se revela numa estrutura de ficção”, outra forma para a expressão “verdade mentirosa”. A operação poética, com sua estrutura de ficção, que se faz por meio do saber fazer com a letra, que, por sua vez, tem contiguidade com as leis do inconsciente, é a via pela qual a meia-verdade se apresenta.

Cada palavra carrega em si um saber, o saber de cada letra suporte do significante, que, por sua vez, em sua relação com o significado, produz sentidos, sem sentidos e significação.

As palavras, faladas, escritas, silenciadas, transportam saberes, verdades e afetos. Afetam o corpo, que, por seu lado, pode animar-se, pular, dançar, can-

tar, transportar pelo fazer artístico, pelo ato criativo, verdades e saberes, ou, de outra maneira, fazer sintoma, um dizer no corpo que ressoa e faz apelo ao saber e à verdade.

Esse é justamente o ponto de partida da psicanálise, quando Freud, seu criador, atribuiu saber e verdade às mulheres de sua época, constituindo um dispositivo destinatário para suas vozes e palavras. Até então, elas eram silenciadas em seus desejos mais íntimos, pois seus sintomas, frequentemente interpretados como loucura, tantas vezes as conduziam ao cárcere dos manicômios em uma sociedade machista e patriarcal, que, vale ressaltar, perpetua-se até nossos dias. É nesse contexto que Freud abre uma via para que seus corpos falem e libertem as palavras ali represadas, recalçadas, juntamente com seus saberes e verdades.

O amor ao saber se demonstra, portanto, como um caminho em direção à verdade do analisante, porém a psicanálise também nos revela outra faceta da relação do ser falante com o saber — o horror ao saber. Em oposição ao amor ao saber, esse ligado ao sentido, aquilo que pode ser enunciado, Lacan introduziu o horror ao saber, o que nos leva a perguntar: de que saber o *falasser* se defende com horror?

Uma análise pode levar um sujeito ao ponto em que ainda há saber, porém sem sujeito, no ponto do “há saber no real”, como afirmou Lacan, e, desse saber que visa ao real, não há amor, mas horror. O horror ao saber é, portanto, um afeto que faz obstáculo ao saber real, um saber destituído do sujeito.

Em seu *Comentário de la Nota italiana*, Soler (2018, pp. 69-70) infere do texto de Lacan a relação entre humanidade e saber, propondo que “a humanidade é o falante que não deseja o saber”, o que implicaria que o analista, na medida em que se destaca da humanidade, que se singulariza no limite do impossível, é aquele a quem advém o desejo de saber. À humanidade concerne a paixão da ignorância no sentido negativo, como o não querer saber, que é distinta da paixão da ignorância abordada por Lacan, como vimos anteriormente em “Variantes do tratamento-padrão” e *O saber do psicanalista*, em que a conotação da paixão da ignorância figura como um saber furado, incompleto, que faz objeção ao saber absoluto da ciência.

Lacan (1973/2003a, p. 313) afirma que não há analista sem a transformação do horror em entusiasmo e aponta para uma satisfação do fim, o que faz Soler (2013) propor certo percurso dos afetos presentes em uma análise, que parte de um amor à verdade, podendo chegar possivelmente ao horror ao saber sobre o real, o qual, uma vez transposto, dá a chance de que advenha um afeto positivo do fim.

A aposta do desejo do analista de levar uma análise até seu fim, sustentar seu ato, depende, de certa maneira, de acreditar, por ter experimentado, que é possível não permanecer no horror ao saber, mas, estando o analisante apoiado em sua posição que tem por condição uma decisão ética diante do real, seguir na direção de ultrapassar o horror até topar com o saber no real.

Em “Televisão”, Lacan (1973/2003b, pp. 524-525) aborda outra modalidade de saber, o gaio saber, a partir da gaia ciência, expressão cunhada por Nietzsche, como uma virtude, situada “no polo oposto da tristeza”, essa última definida como covardia moral pelo fato de que a considera como um rechaço do inconsciente, que impõe, de certa maneira, ao sujeito o “dever de bem dizer, ou de se referenciar na estrutura”. O gaio issaber (*gay sçavoir*) “consiste em não compreender, não fisgar no sentido, mas em roçá-lo, gozar do deciframento” (Lacan, 1973/2003b, p. 525). Seria o gaio saber uma das vias possíveis para lidar com o horror ao saber, buscando bem dizê-lo, para se referenciar na estrutura, uma saída pela alegria para não recuar diante do real?

Com a finalidade de buscar uma aproximação possível de caminhos para responder a essa indagação, abro um parêntese para situar, minimamente, em que concerne a gaia ciência.

O livro *A gaia ciência* é fruto de um contexto específico da vida de Nietzsche. Nessa época, ele se encontrava bastante adoecido e, portanto, pediu licença da Universidade de Basileia, onde lecionava, para sair em viagem ao sul da Europa. Ao chegar a Gênova, apresentou uma grande melhora, sentiu-se recuperado e expressou sua gratidão no *Ecce homo*, ao escrever que *A gaia ciência* é um presente daquele janeiro, o mais maravilhoso vivido em sua vida, tamanho regozijo por sua saúde.

Nesse contexto, surge a expressão nietzschiana “gaia ciência”, tendo como significado saber alegre. Essa expressão, tomada por Nietzsche para qualificar sua ciência, deriva do provençal, que é a língua falada no sul da França, região de onde se origina o trovadorismo medieval, que foi o primeiro movimento literário europeu (séculos XI a XIV) e se caracterizou pela união da música e da poesia com a produção de cantigas líricas e satíricas. O trovadorismo contempla tanto a habilidade técnica quanto a arte poética necessária para a criação.

Segundo alguns comentaristas do trovadorismo, podemos aproximar as práticas poéticas dos trovadores medievais às dos cantadores de repente do Nordeste brasileiro, que criam suas rimas de forma bem-humorada e gozadora para retratar a realidade, produzindo o riso nos ouvintes. Destacamos que a expressão do riso é especialmente importante para a gaia ciência.

O tema principal da gaia ciência de Nietzsche é a defesa de que a condição para que a filosofia, a ciência sejam válidas é não precisar de seriedade nem sisudez, havendo espaço para o erro, para o engano, e sendo necessário, por vezes, poder rir de nossa estupidez.

A gaia ciência busca aproximar filosofia, ciência e arte, entendendo-as como atividades potencialmente criativas. A ciência, portanto, seria uma espécie de arte em consequência de seu potencial criador de visões de mundo. Nietzsche desejava tornar a ciência mais leve, menos dura, mais alegre, uma ciência menos interessada na descoberta das coisas, no desvelar algo, do que em criar, uma vez que não há

a verdade. “A vida como fenômeno estético, para Nietzsche, é suportável” a partir da perspectiva da vida como uma obra de arte a ser criada a cada instante com alegria e leveza. A gaia ciência seria, portanto, essa ciência afirmadora da vida que se opõe a uma ciência dura e triste.²

Seria nesse sentido que Lacan propôs o gaio saber, esse saber alegre, que orienta o ser falante na estrutura do inconsciente para fazer frente à tristeza, que, inclusive, é muitas vezes transformada em depressão e medicalizada como produto dessa ciência dura, sisuda, absoluta, que foraclui o sujeito? Teria ainda o gaio saber a potência criativa, de invenção, para se ir além do horror ao saber da castração?

Soler (2012), ao comentar o gaio saber, chama a atenção para que não nos enganemos com ele, já que a satisfação do fim, se se leva em conta o real, recusa tanto a tristeza quanto o gaio saber, porque o gozo da decifração que define o gaio saber não nos poupa da deriva infinita do gozo fálico, assim como o amor ao saber não sustenta o desejo de saber. “Um fim de análise também é o fim das alegrias da decifração” (Soler, 2012, p. 98).

A partir do desenvolvido até aqui, poderíamos supor o gaio saber como um afeto que surge a partir dos efeitos advindos de transposições na relação do sujeito com o saber em uma análise, impulsionada de início pela paixão da ignorância, porém não necessariamente sua derradeira transformação, já que denota ainda certo gozo do deciframento? Ou a alegria pode brotar do encontro com o saber real sem sujeito desde onde não há mais nada a dizer, somado à satisfação do fim, ao consentimento com a verdade não-toda, retirando, assim, o gaio saber de uma relação exclusiva com o gozo da decifração?³

Mas, chegando a este ponto, perguntamo-nos: o que resta da paixão da ignorância naquele que levou sua operação de saber em uma análise até o seu fim, até o saber do real, sem sujeito?

Em “Nota italiana”, Lacan (1973/2003a, p. 313) refere-se aos rebotalhos da douda ignorância, os analistas a quem foi transmitido um desejo inédito. Essa referência parece indicar que, na douda ignorância, há um saber sobre o impossível; “é uma ignorância portanto programada estruturalmente pela linguagem, ignorância daquele que sabe” (Soler, 2018, p. 85). É, portanto, com a douda ignorância, que resta da travessia no saber em sua análise, que o analista vai operar.

E, pelo viés da verdade, recorremos ao “dizer que não” à insistência do sentido, que “suspende o que o dito tem de verdadeiro”, o que garante ao dizer o privilégio de se demonstrar por escapar aos ditos (Lacan, 1972/2003, p. 452) e ao saber fazer com a letra e com a alíngua, o que traz, como consequência, a produção de

² Parte do comentário é baseada no vídeo “A gaia ciência de Nietzsche”. *Filósofares*. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=z5WHr9PzHD4>

³ Essas questões são elaborações provenientes de um profícuo debate com Ana Laura Prates sobre o gaio saber na discussão do trabalho “Da paixão da ignorância à douda ignorância: um percurso pelo saber” apresentado por mim no XXII Encontro Nacional da EPFCL-Brasil.

um novo saber sobre o real. Por meio desses operadores, podemos inferir que o fim da operação analítica promove, entre outras, a perda das “falsas esperanças da miragem da verdade” (Soler, 2012, p. 99) e mostra o intraduzível do dizer, que existe aos ditos de verdade, visto que não pertence à diz-mensão (*dit-mension*) da verdade (Lacan, 1972/2003, p. 451).

Se, na constituição do sujeito, sua entrada na linguagem, o encontro traumático fixa a letra que produzirá a sequência do sujeito e suas ficções, cabendo à letra a função de fazer litoral entre saber e gozo, no final da análise pode ocorrer novo *troumatismo*, saber sem sujeito, que leva o analisante, em sua passagem a analista, à meia-verdade daquilo que ele foi como resposta do real.

Referências bibliográficas

- Ganho, M. de L. S. de S. (2020). Saber e virtude na obra A República de Platão. Hermenêutica do Livro VI. *Acta Scientiarum. Education*, 42: e50607. Recuperado em 4 de outubro, 2024, de <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v42i1.50607>
- Gil, G. (1984). Tempo rei. In G. Gil. *Raça humana*. Rio de Janeiro: Warner Música Brasil. 1 LP (41,17 min). 33 rpm, estéreo. 12 pol. Lado A, faixa 4 (5,09 min).
- Lacan, J. (1967-1968). *Seminário XV: o ato psicanalítico*. Inédito.
- Lacan, J. (1983). *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953-1954)
- Lacan, J. (1988). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (2a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (1997). *O saber do psicanalista*. Recife: Associação Freudiana Internacional. Publicação de circulação interna. (Trabalho original publicado em 1971-1972)
- Lacan, J. (1998). Variantes do tratamento-padrão. In J. Lacan. *Escritos* (V. Ribeiro, Trad.) (pp. 325-364). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1955)
- Lacan, J. (1998). A coisa freudiana ou sentido do retorno a Freud em psicanálise. In J. Lacan. *Escritos* (V. Ribeiro, Trad.) (pp. 402-437). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1956)
- Lacan, J. (1998). Juventude de Gide ou a letra e o desejo. In J. Lacan. *Escritos* (V. Ribeiro, Trad.) (pp. 749-775). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958)
- Lacan, J. (2003). A psicanálise verdadeira e a falsa. In J. Lacan. *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad.) (pp. 173-182). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1958)

- Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola. In J. Lacan. *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad.) (pp. 248-264). Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (2003). O aturdido. In J. Lacan. *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad.) (pp. 448-497). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1972)
- Lacan, J. (2003a). Nota italiana. In J. Lacan. *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad.) (pp. 311-315). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1973)
- Lacan, J. (2003b). Televisão. In J. Lacan. *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad.) (pp. 508-543). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1973)
- Soler, C. (2009). De que modo o real comanda a verdade. *Stylus: Revista de Psicanálise*, Rio de Janeiro, (19), 13-26.
- Soler, C. (2012). *Lacan, o inconsciente reinventado* (P. Abreu, Trad.). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Soler, C. (2013). *A repetição na experiência analítica: seminário: 2009-2010*. São Paulo: Escuta.
- Soler, C. (2018). *Comentario de la Nota italiana de Jacques Lacan: curso 2007-2008*. Medellín: AFCLM.

Recebido: 01/12/2023

Aprovado: 15/12/2023